



Análise crítica do filme “A Missão” (*The Mission*) de Roland Joffé (1986)

Apresentação:

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise histórica e didático-pedagógica da obra cinematográfica “A missão”(1986), com a intenção de entender a atuação da Companhia de Jesus na América do Sul, na região que compreende o Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil.

A obra teve um custo de produção milionária (US\$ 200 milhões), e que visava reatar relações diplomáticas entre Inglaterra e Argentina, após a Guerra das Malvinas (1982)¹. A

¹ Na década de 1980 os países do sul do continente americano se viram ameaçados e envolvidos num possível conflito bélico internacional que, por fim, acabou envolvendo a Argentina e a Inglaterra em torno da posse das Ilhas Malvinas (Falklands). Essas ilhas é um arquipélago situado a cerca de 500 quilômetros da costa argentina e foi ocupada pelos britânicos desde o século XIX e após Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a região se manteve sob a tutela inglesa. Rainer (s/data) nos conta que com a “Chegada a década de 1980, com quase um século de dominação britânica no arquipélago, a ditadura militar que controlava a Argentina decidiu promover um plano de controle sob o território. É importante ressaltar que nessa época, a ditadura argentina – então comandada pelo general Galtieri – se via pressionada pelos problemas sociais e econômicos que colocavam a população contra o governo. Dessa maneira, o plano seria uma forma desesperada de recuperar a imagem do governo por meio da guerra. Um pouco antes do começo da guerra, o alto comando do governo argentino elaborou a Operação Rosário como forma de planejar as estratégias

direção coube a Roland Joffé, e o elenco conta com a participação de Robert De Niro, Jeremy Irons, Aidan Quinn, Liam Neeson, Ray McAnally entre outros. A produção foi realizada por Fernando Ghia, David Puttnam, enquanto o roteiro foi criação de Robert Bolt, a fotografia por Chris Menges e a trilha sonora pelo magistral Ennio Morricone.

O filme que foi ganhador dos prêmios Palma de Ouro no Festival de Cannes e Oscar de Melhor Fotografia apresenta, como pano de fundo, os séculos XVI a XVIII com o processo de colonização da América e a participação da Companhia de Jesus no intento de deculturação e aculturação dos nativos do continente. Os personagens centrais (de maior evidência) são o capitão Mendoza (interpretado por Robert de Niro), um mercador de escravos, e o padre Gabriel (interpretador por Jeremy Irons) que se reencontram numa situação inusitada e diferente.

O interesse por esse tema – os Jesuítas – e pela obra surgiu a partir da curiosidade de estudar a visão histórica do(s) país(es) dito(s) imperialista(s) – do início da modernidade - sobre um tema de nossa história, e para que, desta forma, possamos ampliar nossa visão e não nos confundirmos como expectadores (freqüentadores de cinema ou alunos em sala de aula) à partir do real papel da Igreja (instituição), na história da humanidade.

Este estudo dividi-se da seguinte forma:

1. O envolvimento dos Jesuítas no contexto histórico e econômico dos séculos XVII e XVIII e na política colonial de Portugal e Espanha; na primeira modernidade do capital
2. A estrutura de Companhia de Jesus, enquanto ordem, e não uma democracia, assim como as instituições militares dessa ordem, e sua atuação como um Império entre dois Impérios e distante do Papa; mas que, sua atuação estava subsumida aos interesses e necessidades do capital nessa fase

empregadas por suas forças militares. Paralelamente, no plano político internacional, os argentinos acreditavam que teriam o apoio dos Estados Unidos para reaver o território das Malvinas ou que os ingleses iriam abrir mão da ilha por meio de uma rápida negociação diplomática. No entanto, os planos do governo Galtieri não saíram como o esperado”.

Esse conflito teve uma existência do mês de abril a junho de 1982 e após o seu final a crise inflacionária que a Argentina atravessava já chegava na casa dos 600% ao ano, fez aumentar os movimentos populares contra a repressão militar e contribuíram para a queda da ditadura argentina. Por outro lado na Inglaterra, o conflito fortaleceu a imagem política de Margaret Thatcher, que conseguiu a reeleição como primeira-ministra.

3. A destruição do ethos tribal dos Guaranis, através da catequização: escravização espiritual e aculturação;
4. Como a obra em si, pode estar contribuindo para a formação dos alunos do Ensino Médio, na sua aprendizagem da História e suas tecnologias, destacando o cuidado didático pedagógico que se deve ter à partir da produção cinematográfica sobre a América Latina.

Salvacionismo: salvar o quê?

As mudanças políticas e econômicas são necessárias para que o homem, dentro das contradições de uma época histórica ou de um modo de produção, atinja um nível cada vez maior de desenvolvimento, mesmo que para esse evento ocorra a riqueza – e poder político-militar – de uns e a pobreza de muitos. E nessa situação, os aspectos que contribuem para isso são vários dentro da enorme teia social que é a história.

A Igreja, enquanto instituição, sempre deu sua contribuição em todos os níveis, além do religioso, como é o caso da Companhia de Jesus, que surge em pleno século XVI na 1ª modernidade do capital, no contexto do cisma criado pela Igreja Católica intitulado erroneamente de Contra-Reforma. Nesse período de conquistas territoriais além-mar, rompimento de fronteiras geográficas e de alma, desenvolvimento técnico e científico, transformações culturais, e, com o advento do sistema do capital, o projeto Imperialista, na fachada salvacionista, de Portugal e Espanha, tinha que utilizar todo instrumento possível na corrida colonialista. E na América essa predominância fica nas mãos da Espanha, que vai pensar na Ordem criada por Inácio de Loyola para abrir caminho entre os chamados Povos Testemunho (RIBEIRO, 2007).

Em referência a 1ª modernidade do capital Alves (2008) conta que o capitalismo moderno passou por duas etapas fundamentais do seu desenvolvimento histórico, sendo elas o comercial, e posteriormente, o industrial (esse dentro da segunda modernidade). É no período do capitalismo comercial, a partir do século XVI, quando esta modernidade² do

² Alves (2008) define modernidade como sendo um [...] *metabolismo social* complexo que marca uma determinada configuração sócio-histórica ou ainda um conjunto de *experiências de vida* – experiência do espaço e do tempo, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhado por homens e mulheres no processo cotidiano de produção/reprodução social. Assim, desde o século XVI,

capital foi marcado na Europa com a expansão pelo mundo (gradativamente sendo descoberto) com formas diferenciadas de efetivação e colonização, no tempo e espaço, em razão do desenvolvimento contraditório e dialético desse novo modo de produção. As características de relações sociais que melhor representam esse período são tradições de dominação de classes aristocráticas e agrárias – herança feudal de detenção do poder pelo acúmulo de terras – que estavam naquele momento subsumidas à lógica do capital mercantil.

A partir do nascimento desse novo modo de produção o perfil do continente europeu foi se modificando – às vezes lentamente e outras de forma abrupta – e fez ocorrer o nascimento das primeiras nações (séculos XIV e XV), as grandes navegações, as revoluções científicas e tecnológicas (com o renascimento), a reforma protestante, as guerras religiosas, os poderes absolutistas... E por fim a mente dos europeus que foi se abrindo por conta do contato com outros povos e a descoberta de novas riquezas além-mar que impulsionaram as mudanças econômicas que vinham ocorrendo desde o século XIII com o desenvolvimento do novo modo de produção.

Nesse mundo novo mundo do trabalho que nascia, e que se fez com novas e antigas formas, com diferenças e aperfeiçoamentos à medida que o capital – que já sinalizava com um novo símbolo de riqueza, o dinheiro – proporcionou a estrutura e funcionamento de uma nova sociedade que funcionou de forma diferente na Europa e nas colônias, mas sempre servindo ao novo modo de produção.

A principal forma de trabalho usada na América colonial foi a escrava com a exploração da mão-de-obra do nativo da América (indígenas) e do africano que foram transplantados para o nosso continente em várias pelos traficantes. A escravidão foi resgatada e retomada pelos europeus como forma de manter o domínio sobre os povos colonizados e extrair o máximo de riqueza possível dessas regiões. Essa forma (e força) de trabalho, foi utilizada na Europa desde os gregos e romanos na antiguidade, diminuindo na Idade Média e já na modernidade apresentou características novas do século XVI em diante. As regiões escolhidas para uso dessa mão-de-obra foram América e Ásia, enquanto a África foi fornecedora de material humano (uma vez que alguns de seus povos já a utilizavam com objetivos diferentes). Seu

constitui-se no Ocidente europeu, a modernidade do capital, que expandiu-se pelo mundo e assume diversas formas histórico-temporais, por conta do desenvolvimento do modo de produção e reprodução social.”

uso na América serviu para extrair metais preciosos dos Impérios conquistados (Central e do Sul) como ouro e prata, na obtenção das drogas do sertão, na produção agrícola nas haciendas, na fabricação do açúcar dos Engenhos e café no Brasil.

O ser humano escravizado era trocado por objetos, colocado em embarcações que ultrapassavam a capacidade de carga e transplantado às regiões de uso, e nesse percurso a alimentação era péssima, resumindo-se em feijão, ou milho ou os dois misturados para variar, ou então, a savelha, peixe miúdo e muito barato adquirido no Reino de Angola (MENDES apud INÁCIO; DE LUCA, 1993, p.70-73), era a alimentação fundamental. Mas a morte era prematura em razão de estarem sujeitos a doenças, afogamentos, o trabalho extasiante na colheita, na caldeira, no purgar, no transportar às embarcações, etc., que lhes dava em torno de 7 a 15 anos de vida. Além dessa condição sofriam com a humilhação e o transporte como simples ferramenta de trabalho.

Mas esses trabalhadores (escravos) sempre resistiram a condição que lhes foi imposta e aliando-se a outros explorados, demonstravam sua indignação e revolta queimando canaviais, incendiando residências dos ricos da época, cometendo suicídio, revoltas armadas e fugindo para locais onde criaram os quilombos nas várias regiões do país (ANJOS, 2000, p.32). Lutas difíceis e prolongadas que se estenderam oficialmente, até 1888. Contudo, a situação deles não melhorou.

Por outro lado, nas metrópoles europeias - e outras regiões não tão poderosas³ - do século XVI ao final do XVII e XVIII se processava o acúmulo do capital, só possível com as riquezas extraídas extra-europa de várias formas e às custas de saques, violências, doenças, mortes, sacrifícios e exploração do homem pelo homem com as formas de trabalho escravo, semi-escravo e trabalho livre na busca em transformar os metais preciosos em capital. O trabalhador europeu estava, também, na posição de explorado, embora com funções diversificadas e novas (em algumas regiões) o que exigia de suas vidas esforço sobre-humano o que os deixou marcados pela miséria, doenças, excesso de horas trabalhadas, fome, desnutrição, tristeza...

³ Os séculos do capitalismo comercial (mercantilismo) foi marcado, entre outras coisas, pela *corrida do ouro*, quando o objetivo era aumentar a riqueza europeia com o comércio - entenda-se conquistar, colonizar, escravizar, explorar e, também, a venda e expansão dos produtos. Nesse período de corrida em busca de expansão territorial e de obtenção de novas riquezas foram vários os países que se lançaram nessa empreitada como concorrentes, como os holandeses, ingleses, italianos, etc., enquanto portugueses efetivaram aqui sua forma de exploração do trabalho humano e os espanhóis faziam o mesmo com a população das Américas Central e do Sul (povos e região) para conseguir ouro e prata.

Do século XVI ao XVII (final) e XVIII era a época do acúmulo do capital, possível com as riquezas extraídas extra-europa de várias formas e às custas de saques, violências, doenças, mortes, sacrifícios e exploração do homem pelo homem com facetas de escravidão, semi-escravidão e trabalho livre na busca do que fosse possível em transformar-se em ouro e ser revertido em capital. Mas a situação do trabalhador europeu não era diferente mesmo porque estavam na posição de explorados, apenas assumiam funções diversificadas e novas (obrigatoriamente em algumas regiões) que exigia de suas vidas esforço sobre-humano que ficaram marcados pela miséria, doenças, excesso de horas trabalhadas, fome, desnutrição, tristeza...

Esse instrumento de conquista e dominação tinha que funcionar para fazer impulsionar, junto com outros mecanismos, o novo modo de produção que chegava: o Capitalismo, dentro das características do Mercantilismo. Os custos e investimentos eram altos e a efetivação das ações/objetivos só se tornavam possíveis com o apoio financeiro de um grupo social emergente como a burguesia, que tinha enorme interesse nas novas terras, nos novos povos e, principalmente, nas riquezas. Era necessário, então, preparar os Jesuítas, o que requeria um grande investimento: enviar, via embarcação, comboios de jesuítas que deveriam não só trazer instrumentos, mas conhecer sua utilização – tipografia, tecelagem, etc. – e outros tipos de atividades, desde remédios de botica até agricultura, além de técnicas de sobrevivência no mato (organizar forças para defesa e ataque).

Na passagem do século XV e início do XVI a Europa começa a se questionar sobre os possíveis habitantes do outro lado do mundo conhecido no momento. E o período das grandes navegações, das grandes "descobertas", e das missões religiosas provenientes do Velho Mundo neste contexto histórico e de uma visão européia ainda bastante etnocêntrica.⁴ A ordem missionária jesuíta, que ora analisamos no filme, foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola apresentava como principais características (marcantes) da sua estrutura a primazia da obediência, o sentido de organização e a espiritualidade como ação.

⁴ Etnocentrismo: segundo os dicionários Houaiss e Aulette (ONLINE, 2013) etnocentrismo é a concepção do mundo característica de quem considera os valores de sua própria sociedade, grupo étnico, nação ou nacionalidade como os únicos parâmetros válidos para julgar outras culturas e sociedades e, portanto, considerado a mais importante e a que deve predominar. Para as ciências sociais esse conceito (e concepção) é apresentado por Silva (1987) como sendo a "visão de mundo na qual o centro de tudo é o próprio grupo a que o indivíduo pertence; tomando-a por base, são escalonados e avaliados todos os outros grupos" (SUMMER apud SILVA, 1987, p. 437). Mas não é essa única definição apresentada por Silva e caso o leitor queira conhecer um pouco mais deve realizar a leitura da obra indicada na bibliografia das páginas 437-438.

As missões católicas criadas pelos jesuítas na América do Sul, tinham como objetivo, ao longo dos séculos XVI e XVII, a difusão da fé e a conversão dos nativos, e atuaram como mais um instrumento do colonialismo, onde em troca do apoio político da Igreja, o Estado se responsabilizava pelo envio e manutenção dos missionários, pela construção de igrejas, além da proteção aos cristãos⁵. Ribeiro (2007, p. 470) caracteriza as missões nesse período definido como a *passagem dos quinhentos* como sendo

"a tentativa mais bem sucedida da Igreja Católica para cristianizar e assegurar um refúgio às populações indígenas, ameaçadas de absorção ou escravização pelos diversos núcleos de descendentes de povoadores europeus, para organizá-las em novas bases, capazes de garantir sua subsistência e seu progresso".

No século XVIII o movimento missionário começou a enfrentar sérios problemas na América do Sul, que viriam afetar sua permanência no continente, em áreas de litígio entre o colonialismo espanhol e português. No sul do Brasil, a população indígena dos Sete Povos das Missões – São Miguel... - , foi atingida e submetida pelo Tratado de Madrid (1750), assinado por Portugal e Espanha para definir as áreas colonizadas. Por esse tratado (Madrid), estabeleceu-se que os nativos deveriam ser transferidos para margem ocidental do rio Uruguai, o que representava aos guaranis a deportação de mais de 30 mil pessoas e a destruição do trabalho de muitas gerações. As coroas de Portugal, Espanha mais a própria Igreja Católica, selaram o destino de jesuítas e indígenas e emissários foram enviados para impor a obediência aos nativos. Os jesuítas ficaram numa situação complicada (delicada): se apoiassem os indígenas seriam considerados rebeldes, e se contrário, perderiam a confiança deles. Alguns permaneceram ao lado da coroa, e da Igreja Católica e submetendo-se ao seu Superior mas outros apoiaram os nativos, e organizaram a

⁵ Entre os objetivos das Missões estavam: propagar a fé cristã, catequizando os índios, e para isso promoviam interferências em sua cultura através da aprendizagem de suas línguas, criando escolas e desenvolvendo as artes, especialmente a música e o teatro. É interessante pensarmos que no processo de colonização portuguesa no Brasil o papel dos jesuítas foi importante em virtude que não se resumia a orações, missas e conversões, mas, também em praticar a formação dos missionários como soldados de Cristo. Assim, eles construíram estradas, atuaram na educação escolar como pedagogos, como mestres de ofícios nas artes, na medicina, na agricultura. No entanto, no desenrolar do processo histórico e interesses das potências ibéricas participaram diretamente dos conflitos com os colonos que queriam escravizar os índios e mais tarde, foram perseguidos em virtude dos conflitos políticos para demarcação de terras no sul da América, e também, diante do poder de Marquês de Pombal - primeiro-ministro do Rei D. José de Portugal -, que tomou medidas drásticas contra a Companhia de Jesus. Marques de Pombal conseguiu o apoio dos altos escalões da Igreja Católica e, gradativamente, a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias em 1759 e mais tarde a extinção da Companhia de Jesus por ordem do Papa Clemente XIV, em 1773 (LUGON, 1968).

resistência desses índios à ocupação de suas terras e à escravização. Os confrontos daí advindos ficaram registrados na história da América do Sul com "Guerras Guaraníticas" que foi o verdadeiro massacre dos nativos e seus amigos jesuítas por soldados de Portugal e Espanha. Essa resistência indígena estendeu-se até 1767, em virtude das táticas desenvolvidas e das lideranças, e no final do século XVIII, a maioria dos índios já tinham sido dispersados, escravizados, ou ainda estavam refugiados, e nas florestas tentando restabelecer a vida tribal de antes das missões.

Os jesuítas e o colonialismo: choques, deculturação e aculturação

A Companhia de Jesus não pode ser vista como um órgão isolado e separado de seu contexto e sem interferência das formas de organização político-administrativo da época em que surgiu e funcionou. Assim, a análise de um determinado regime político as Missões e sua estrutura podem ser vistas assim -, não pode ficar apenas na descrição do “como” surgiu e funcionou, mas ir mais longe em busca das explicações dos “porquês” (KERN, 1982). Nessa busca de descrever e representar um momento ou acontecimento histórico é que entra o cinema – seja de Hollywood, Cinema Novo, etc. – que contribuiu para uma interpretação da obra em questão que necessita de alguns cuidados por parte do espectador e um *olhar além da tela*. Algumas interrogações deve ser apresentadas tendo como alicerce específico o papel (e funcionamento) da Companhia de Jesus, como por exemplo, a não abordagem, nem mesmo em insights de que [...] os Jesuítas desenvolviam suas atividades missionárias sob a autoridade da Santa Fé e sob a vigilância dos Bispos de Assunção e Buenos Aires” (KERN, 1982, p. 18).

Uma vez sob o controle de um órgão europeu que, por sua vez, estava sob autoridade imperialista, surge a necessidade de acertos de fronteiras em razão de conflitos luso-hispânico e do Tratado de Tordesilhas (1494)⁶, e obrigou os Jesuítas e os Indígenas a

⁶ *Tratado de Tordesilhas*: Na época das grandes navegações, os europeus acreditavam que os povos não cristãos e não civilizados poderiam ser dominados e por esta razão achavam que podiam ocupar todas as terras que iam descobrindo mesmo se essas terras já tivessem dono. Começou assim uma verdadeira disputa entre Portugal e Espanha pela ocupação de terras. Para evitar que Portugal e Espanha brigassem pela disputa de terras, os governos desses dois países resolveram pedir ao papa que fizesse uma divisão das terras descobertas e das terras ainda por descobrir. Em 1493, o papa Alexandre VI criou um documento chamado *Bula*. Nesse documento, ficava estabelecido que as terras situadas até 100 léguas a partir das ilhas de Cabo Verde seriam de Portugal e as que ficassem além dessa linha seriam da Espanha. O medo que Portugal tinha de perder o domínio de suas conquistas foi tão grande que, por meio de forte pressão, o governo português

criarem o Exército dos Trinta Povos como tentativa de, também, criar suas fronteiras e salvar as tradições e valores próprios da ordem religiosa. A respeito desses confrontos (Guerras Guaraníticas), que tratamos anteriormente, aparece um “pecado” do filme ao não colocar o Padre Gabriel como conhecedor de armas e organizador de exércitos indígenas, quando os mesmos se refugiam em sua batina, perseguidos por mercenários. Não só nesse personagem isso é claro, mas também no Padre Igyabe da Redação de São Miguel. Era necessário sim, ter e ser um militar, pois que a mesma era uma ordem hierárquica e seu sucesso na América só ocorreria por essas exigências para um possível conflito com protestantes, até mesmo no Oriente onde chocou-se com o Budismo, mesmo com a arma da catequização.



Indígenas se refugiando na batina do Jesuíta no século XVIII?

convenceu a Espanha a aceitar a revisão dos termos da bula e assinar o Tratado de Tordesilhas (1494). Então os limites foram alterados de 100 para 370 léguas. De acordo com o Tratado de Tordesilhas, as terras situadas até 370 léguas a oeste de Cabo Verde pertenciam a Portugal, e as terras a oeste dessa linha pertenciam a Espanha. O Brasil ainda não havia sido descoberto e Portugal não tinha idéia das terras que possuía. Hoje sabemos onde passava a linha de Tordesilhas: de Belém (Pará) à cidade de Laguna (Santa Catarina). De acordo com o Tratado, boa parte do território brasileiro pertencia a Portugal, mesmo se fosse descoberto por espanhóis. Portugueses e brasileiros não respeitaram o tratado e ocuparam as terras que seriam dos espanhóis. Foi assim que o nosso território ganhou a forma atual. Apesar dessa invasão, os espanhóis não se defenderam, pois estavam ocupados demais com as terras que descobriram no resto da América, ao norte, a oeste e ao sul do Brasil. Mesmo após 250 anos de descobrimento, os brasileiros e portugueses continuavam avançando para o interior, não respeitando a linha de Tordesilhas. A maioria nem sabia que ela existia. E assim, terras que seriam da Espanha, acabaram sendo tomadas pelos colonizadores (FRAYZE; KOSHIBA, 1996).



Indígenas sob a proteção de Jesuíta

Nesse raciocínio fazemos outra observação sobre a cena que mostra o derradeiro conflito na missão de São Miguel, em que os indígenas precisam roubar armas dos colonizadores para formar um exército com o objetivo de enfrentar os soldados da coroa e resistir à delimitação territorial imposta pelo tratado e salvar a redução. A imagem mostra jesuítas e indígenas despreparados, o que contrasta com a afirmação de Kern (1982, p. 151):

“Na Província Jesuítica do Paraguai, entretanto, após a destruição das Reduções do Guairá, Itatim e Tape, a falta de suporte militar espanhol e a impossibilidade do envio de guarnições militares espanholas, á partir de centro colonizadores então existentes, levou a Companhia de Jesus a pedir e obter armas e licença para formar um exército”³.



Indígenas e o ex-capitão Mendonza roubando armas dos colonizadores



Momento do assassinato de um dos soldados no roubo de armas

Não é mostrada ainda a situação em que os bandeirantes, muitas vezes, se encontravam ao terem que enfrentar esses exércitos guaranis. Mostra os indígenas nus que viviam nas Missões, escondendo-se atrás dos Padres. Eles não só fugiam, mas, muitas vezes perseguiram bandeirantes – como por exemplo os paulistas em território português na América -, na função de guarda-fronteiras e disponíveis às autoridades espanholas, para estarem isentos de trabalhos públicos ou privados (Mita), bem como do serviço pessoal e da taxa de 1 peso e 8 reais por ano como tributo.

Esses aspectos são obscuros no filme, pois, segundo Kern (1982) está claro nos documentos o papel dos guaranis na formação de um exército que manteria um Império dentro dos Impérios, mesmo porque muitos missionários, por terem servido em exércitos europeus, em guerras de cristandade ocidental, criaram esse exército de acordo com o modelo militar espanhol, que naquele contexto era um dos melhores do ocidente. Eram Jesuítas com crucifixos á mão, ao lado de indígenas, sob a invocação do Padroeiro São Miguel.

Como dissemos, esse exército não era tão ingênuo, nem tão fraco, pois tinham uma estrutura, funcionamento e tarefas bem claras, como as que destacamos abaixo mas que no filme o telespectador pode não conseguir identificar:

- **FRONTEIRA:** Fugindo à terminologia em si, “fronteira”, nos séculos XVI e XVII, era o “front”, só que de um país. E, na região platina, defrontaram-se dois sistemas

colonizadores: as chamadas “frentes de oposição” (Jesuítas, Guaranis, Bandeirantes, Lusos da Colônia, etc.). Protegiam e colaboravam como mão-de-obra auxiliar às Missões, por estarem na fronteira oriental dos domínios hispânicos, juntamente com o exército, desempenhando um papel importante na estratégia de deslocamento de frentes de expansão portuguesa e espanhola.

- A ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO: Ela não ocorre de forma esporádica e aleatória, como é apresentada no filme, com soldados sem guarnições e sendo liderados por um Jesuíta “Rambo”. Não mostra, ainda, que é após as “*démarches*” de Ruiz de Montoya, em Lima (Peru), juntamente com o vice-rei do Peru, Marquês de Mancera, que se inicia a organização do exército guarani no século XVII. Essa organização vai ocorrer em decorrência da necessidade de defesa das Reduções dos ataques bandeirantes, o que poderia se concretizar através da existência de um exército profissional comparável aos europeus, mesmo que formado por indígenas.



Índios e jesuítas fabricando armas: uma aproximação possível da verdade histórica?



Organização e liderança nas mãos dos jesuítas na condução da defesa da missão



Jesuíta e cacique (Dom) na condução do povo da missão na luta pela sobrevivência: índios nus e com armas simples no combate aos espanhóis?

O filme mostra também, que a base das instituições militares das Missões – no caso a de São Miguel - era indígena. Seus integrantes se utilizavam de armas de fogo, barcos ligeiros, canhões raros e modernos dentro dos corpos que formavam a cavalaria e a infantaria. Mas não desprezavam suas armas tradicionais como: arcos e flechas, fundas, maças de guerra, bolas, macanás e lanças, além dos cavalos (600 a 1000 em cada Redução). O leitor (telespectador) pode perguntar/pensar porque esta divisão entre a utilização de certos tipos de armas? Com as armas européias, combatiam as bandeiras paulistas, e até ataques espanhóis no processo de extinção da Ordem; e com as armas tradicionais, ocorria enfrentamento a tribos hostis e tentativa de não submeterem-se às mesmas.

Com todo este aparato e contingente disponível, era necessário bons comandantes e estrategistas para liderar e conduzir o exército, o que só vai ocorrer (no filme) através de dois elementos fundamentais: os Jesuítas e os Caciques. Alguns missionários chegavam mesmo a se destacar nessa função, pois, muitos foram soldados que abandonaram a carreira militar para entrar na Companhia de Jesus (exemplo este mostrado pelo personagem Capitão Rodrigo Mendonza que passa pelo processo de conversão). Outros exemplos de personagens históricos nessas duas condições de ex-militares a soldados de cristo: Irmão Antonio Bernal, Padre Luiz Ernot, Padre Sebastian Ramirez (no século XVII), e os Padres José Guinet, José Fernandez e Nivolás Laguna (no século XVIII). E um dos jesuítas de grande destaque nesse papel de condução dos soldados coube a Domingos de Torres que cairá o título e a função de assistente técnico-militar e mestre dos índios no manejo das armas de fogo.

A função de cada membro do exército, desde os comandantes, até os soldados, era determinada pelo governador ao provincial e deste, ao Superior das Missões dos Trinta Povos. E de acordo com um o censo (levantamento de dados da época), elaborava-se então, um documento que circulava por todas as Reduções, estipulando contribuições específicas, datas para mobilização, número de guerreiros, número de homens que empunhariam fuzis, lanças, fundas e arcos, número de cavalos para soldados, número de mulas para carregar pólvora, erva-mate, fumo e número de vacas para o consumo de carne. Era nomeado, também, o Padre Capelão. Porém, todo esse contingente só obteve sucesso em guerras guaraníticas, organizados profissionalmente, quando teve a direção de militares espanhóis ou de Jesuítas. Esse exército era treinado com as armas aos domingos, com a prática do tiro ao alvo uma vez por mês, além da limpeza e manutenção das armas. Guardavam tambores, insígnias dos chefes militares índios, bandeiras das Reduções e uniformes do desfile na “armeria” (que era controlado pelo Jesuíta e dois índios).

“A organização do exército possibilitou a atuação defensiva e mesmo ofensiva desta Instituição Fronteiriça. Rachando uma investida estrangeira, repelindo índios selvagens, ou mesmo, pondo-se a serviço das autoridades espanholas, para esmagar motins, para a construção de fortalezas, ou mesmo, para realizar missões de exploração, as tropas das Missões tinham o orgulho de chamarem-se soldados Del Rey” (KERN, 1982, p. 275).

Essa descrição mostra bem a diferença entre o que de fato ocorria e como funcionava o interior das Missões, do que é mostrado no filme: Índios seminus no século XVIII, com

Reduções estruturadas e com um exército ridículo, de pessoas despreparadas e ingênuas que lutavam para salvar a Redução sem se preocuparem com Portugal, Espanha, Companhia de Jesus, Papa e Deus.

- SERVIÇOS PRESTADOS PELO EXÉRCITO. Preservar o território de área do Prata. Esse foi o maior de todos os serviços que o exército guarani prestou à monarquia espanhola, pois, de face com a colônia portuguesa, travaram combates com as frentes de expansão provenientes do Brasil. Citamos a seguir algumas dessas batalhas intencionadas em preservação territorial, em nome do poder colonialista das potências ibéricas:

*1638 em Caçapa-Mini; em 1639 em Caçapa-Guaçu; em 1641 em Mbororé; em 1642 em Apiterebi e Mburicá, com enfrentamento das bandeiras paulistas;

*1670, sessenta guaranis reforçam a defesa de Assunção.

*1672, duzentos indígenas das Missões investiram contra os Guaicurus;

*1674, novecentos indígenas investem contra os nômades do Chaco;

*1688, tropas indígenas dirigem-se ao norte da Província do Paraguai, para intimar a retirada dos bandeirantes paulistas da cidade de Santiago do Jeréz;

*1701-1702 e 1707, com três expedições contra Charruas e outras tribos que atacavam os rebanhos de gado e as próprias missões.

Alguns historiadores afirmam que as ações do exército indígena das missões testemunham alguma dedicação ao Rei da Espanha, que tinha até sangue derramado de guerreiros guaranis em campo de batalha, numa demonstração de vassalagem ao Rei.

Colonizar: vale tudo!

O processo de colonização do continente americano e todos os instrumentos usados para sua efetivação na 1ª modernidade do capital sofrem interpretação diferentes entre os historiadores e, na nossa análise, particularmente o papel que os Jesuítas tiveram com os indígenas guaranis.

Um elemento de maior polêmica entra no nosso enfoque: a conversão: para uns, é absurdo e ridículo e, para outros, um encontro com uma forma felicidade, que foi prometida pelo Capitalismo (e outros modos de produção) na história, mas nunca cumprida.

Chamamos a atenção para essa ferramenta de catequização (e colonização) – a conversão – usada pela Companhia de Jesus e sua finalidade como um possível instrumento de aculturação, visto que, a deculturação iniciou-se, mesmo, quando as primeiras botas de europeus pisaram em solo americano.

Nas palavras de Gambini (1988, p. 191) sobre a “conversão das almas” [...] os jesuítas não seguiam um método preciso de conversão”, mas se utilizavam de formas peculiares como remover objetos (adornos) dos corpos físicos dos índios ou de seus usos cotidianos que viessem atrapalhar sua catequização, denominando-os como objetos demoníacos. Outra maneira foi tentar mudar os hábitos dos indígenas, inculcando-lhes a atividade diária e separando os dias de trabalho do dia do Senhor.

Fizeram, ainda (e com a força), os indígenas mudarem sua forma de habitar, deixando de lado os modelos de casas nucleares comuns em sua cultura – comunais e em círculo - para adotarem a estrutura das cidades européias, com casas ditas “civilizadas” (urbanizadas), onde perderam a alma ancestral.

Seguindo o raciocínio de que o “Satanás”– colonizador - vivia na floresta, é que guaranis e Jesuítas entraram em concordância. Os Jesuítas tentaram e conseguiram se utilizar de idéias (e ações) concretistas para a conversão, como uma cruz com penas numa procissão da festa do Anjo Custódio e apresentar um Menino Jesus vestido de anjo e com um tacape na mão. Esse concretismo era permitido e utilizado em larga escala, desde que os próprios indígenas o praticassem nos catecismos. Seu uso objetivava fazer com que os indígenas “imaginassem com os sentidos” cenas evangélicas (como o paraíso, o Inferno, etc.), mas os jesuítas não aceitavam essa mesma imaginação quando eram indagados pelos nativos quanto à vida de Deus: se era casado ou solteiro, se tinha filhos, casa, alimentação, etc. Pretendia-se alcançar toda a vida cotidiana dos indígenas e ocupar todos os espaços, inclusive de suas mentes com cantos e orações, como por exemplo, a tradução de orações católicas para o Tupi que passam a apresentar conteúdo sobre a criação, a encarnação, Os Dez Mandamentos, Pai Nosso, sermões sobre o Juízo Final, o Inferno e a Glória – sendo usados, principalmente com as crianças.

Na análise de Gambini (1988, p. 199) essa nova condição imposta foi mais uma forma de deculturação e aculturação, ou seja, um tipo de instrumento em que “o arquétipo por trás

da manipulação que os Jesuítas faziam da música, não era o de Orfeu, que com o som de sua lira, aplacava a raiva; mas antes o das sereias, cujo canto atraía para o naufrágio”.

Seguindo a linha de raciocínio desse estudioso, percebemos um exemplo claro disto – a conversão - quando o personagem Padre Gabriel e John iniciam, com a construção da Redução, a apresentação da Cruz, imagens de santos, instrumentos musicais, etc., para terem os índios com eles. Esta era uma forma de contato, conquista e colonização, onde há a destruição e a perda da identidade cultural, pois, a mesma só é mantida com a sobrevivência de um grupo.



Índios guaranis aculturando-se observam imagens de santos católicos



Repassando a imagem e ampliando o processo(aculturação) entre gerações

O Filme: educação e manipulação

Muitos livros didáticos mostram uma concepção de história algumas vezes próxima do senso comum, ou seja, concebendo o mundo ou a sociedade da mesma forma e seguindo um modelo/padrão de pensamento. É esse senso comum que, além de criar e proporcionar uma ignorância histórica – ou um distanciamento de uma verdade histórica -, também faz com que perdure nas relações sociais entre os indivíduos o pensamento e visão de mundo planejado e projetado por uma ideologia dominante. É sabido que a origem dessa ideologia e sua influência nos aspectos particular e global estão presentes na estrutura e superestrutura de cada sociedade e que uma determina a outra.

Apesar dessa condição e de situações e/ou relações necessárias estabelecidas entre os indivíduos no cotidiano - política, economia, sociedade cultura etc. -, sempre surge uma possibilidade do ser social ver além do aspecto meramente ideológico, caminhando assim para uma compreensão daquilo que é chamado de imaginário social ou “mentalidade”. E quando se pensa na formação de seres humanos, especificamente na área educacional escolar, quando enxergamos o homem ligado a uma série de fatores correlacionados no passado e no presente, e se partirmos do pensamento de Carr (1982) de que “Nenhum homem é uma ilha...”, o papel/trabalho formativo com o ser humano/indivíduo (aluno) que o homem (educador) intelectual orgânico ou não, assume definitivamente sua posição, pode ser significativa e praticada em vários níveis, passando pela sala de aula– giz, apagador, mapa, etc. -até a produção cinematográfica. É no trato com essas pessoas e no uso desses instrumentos, num âmbito de trabalho social formativo que destaca-se (e ressaltamos) definitivamente, a mediação (e o fio condutor) do pensamento do professor ou do produtor (ou diretor) que deixam transparecer suas óticas sobre o mundo atual.

Em qualquer uma dessas situações, seja do professor (independente da série/ano que leciona) ou do diretor (independente do público) o cinema aparece com o objetivo de entender a busca do homem pela sua compreensão existencial, passando pela política, economia, religião, cultura, arte, etc. Acreditamos que essa procura incessante de compreensão deve ser estendida para ações de transformação para que se alcance a felicidade integral do indivíduo.

Mas o leitor pode perguntar: como apresentar a obra fílmica nesses dois campos e possibilitar essas opções aos indivíduos apreciadores da produção ora analisada? Como dissemos acima, através da sala de aula e do cinema, ou de outros espaços públicos e

apresentar o filme “A MISSÃO”, e com os devidos aprofundamentos recontar a história da América do Sul e do Brasil na 1ª modernidade do capital, com destaque para os contatos entre indivíduos e agentes históricos.

Após essas interpelações dividimos a parte final de nosso estudo em duas partes sendo a primeira apontando as incoerências sobre o filme e a história, e a segunda com citações/análises críticas de especialistas:

1ª Parte

1.1 Contato entre Jesuítas e Guaranis: no filme, ocorre de maneira pacífica e com música, e acreditamos nessa possibilidade, pois seria uma forma de chamar (e colocar), milhares de indígenas nas Reduções, iniciando esse processo com os Caciques e Pajés, nos 150 anos de existência das Missões na América do Sul.



Uma das cenas de contato através da música.



A negação e, depois, a aceitação do jesuíta entre os indígenas

1.2 Perseguição aos Guaranis: onde há Jesuítas, há bandeirantes? Era possível que os indígenas estabelecessem essas relações e que, dos males existentes, tivessem de escolher e ficassem com o menor, sendo [...] abrigados pelos Jesuítas e com eles aprendendo formas de defesa, dentro de guerras convencionais ou não, para fugirem da escravidão. Sua importância é enorme, tanto que as Reduções espalharam-se por uma área de 400 mil km², um país dentro de três países: Brasil, Paraguai e Argentina” (BOTELHO, MÜLLER, 2012, p.02). Para sobreviver aos ataques dos caçadores, essa era uma das poucas e únicas formas ‘seguras’ que haviam, ou seja, vivendo com os Jesuítas e trabalhando com eles, como era o caso de 1000 índios guaranis que trabalhavam como carpinteiros e pedreiros, além de tantos outros em diferentes funções/tarefas, na construção da Redução de São Miguel, que aparece sendo reconstituída num dos momentos do filme.

2ª Parte

1.1 Nesse sentido o olhar da imprensa sobre o filme pode contribuir para formação do ser humano-educando, e uma das formas está na apreciação e conhecimento da opinião dos críticos de cinema e dos historiadores, divulgados pela mídia na época da distribuição e exibição no Brasil:

- “Um épico de dimensões grandiosas, como todo bom épico (...) Os índios morreram em razão da destruição do ethos tribal, pelos Jesuítas”. (Luiz Fernando Emediato –caderno 2, O Estado de São Paulo, 1/3/1987).



- “O filme não pode ser visto como aventura, mas sim como um espetáculo com a inteligência” (Leon Cakoff, crítico de Cannes- O Estado de São Paulo, 20/5/1986).

- “Passa ao largo da qualidade político-ideológico da evangelização do gentio. Prefere explorar os aspectos românticos da discutível pretensão dos Jesuítas para com os guaranis, defendendo-os dos bandeirantes, dos escravocratas das colônias e contra Portugal e Espanha” (Silvio Back – O Estado de São Paulo, 23/5/1986).

- “Como cinema, o filme é arrastado, mas como reflexão histórica, apesar de deficiências, não é ruim. Mostra o jogo político que tinha como grande estrategista Marquês de Pombal, uma espécie de Henri Kissinger da época”. (Edgar Luiz de Barros, professor do Instituto de Estudos Avançados da U.S.P. – O Estado de São Paulo, 1/3/1987).

- “É uma obra de arrependimento. O filme esconde seu etnocentrismo e pretende camuflar uma violenta dominação cultural” (Bernardo de Carvalho – Folha de São Paulo, 2/3/1987).

- “O filme peca..., mostra um guarani despido, em sua forma primitiva, quando, já na época das Missões, eles andavam vestidos e Sete Povos eram cidades grandes e não meras cabanas. O personagem Mendoza não existiu, mas através dele, fica clara a posição da Igreja, frente a luta armada. A fotografia e a música são ótimas”. (Hélio Viotti, Padre Jesuíta, historiador e professor – *O Estado de São Paulo*, 1/3/1987).



O contraste do filme: jesuítas e índios *seminus* em missão do século XVIII em discussão com o Superior

CONCLUSÃO

A obra cinematográfica “A MISSÃO”, que sofreu, aqui uma análise de fidelidade histórica para compreensão da deculturação e aculturação dos nativos americanos e da construção cultural do indivíduo na 1ª modernidade do capital, não pode ser comparada com a obra cinematográfica REPÚBLICA GUARANI (Silvio Back, 1978) pois a primeira é meramente comercial e rentável, enquanto a segunda é documental.

Tentamos refutar a tal ‘desculpa histórica’, apresentada na tela, com a preservação de costumes e valores dos índios, que na verdade foram sendo substituídas a partir do momento que participaram da construção das Missões, com a ilusória tentativa de sobrevivência. Assim, conhecer os bastidores da História, mesmo que “in passant”, que vai além de jogar a culpa do massacre imperialista em Portugal e Espanha, que contou com a participação da Igreja que utilizou a religião como instrumento de dominação e destruição do ethos tribal. É importante ao professor ou diretor “conduzir” os alunos/telespectadores, a partir de óticas diferentes sobre o mesmo tema, a refletirem e interpretarem uma obra, embasando-se em dois referenciais, como o Positivismo ou o Materialismo Histórico e Dialético, e possibilitar ao educando, enquanto sujeitos da história, uma revisão conteudista (e metodológica) acerca do tema *O colonialismo europeu (na América) na primeira modernidade do capital* e capacitá-los a desenvolverem um olhar crítico e além da tela



sobre o cinema, e aprenderem com essa capacitação, que a obra tem que falar e levar a realidade do e para o indivíduo.

No entanto, diferentemente de trabalhar com outras formas de produção de tendências diferentes (Cinema Novo, etc.) essa análise procurou questionar o papel dos heróis na História (colonizador, bandeirantes, jesuítas), partindo do Brasil-Colônia, com uma ponte reflexiva para o Brasil Contemporâneo, ressaltando costumes e valores construídos (ou enraizados) ainda presentes na atualidade.

Temos consciência que esse trabalho deve passar por uma revisão posterior e crítica por parte de outros historiadores e apreciadores da obra, pois que o professor de história ou historiador deve avançar para desvendar “verdades ou mentiras”, na lição que a história nos dá, para atuação e aprofundamento com um único olhar: o indivíduo (cidadão) como agente histórico transformador.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Abraão de. **Lições da História que não podemos esquecer**. São Paulo, Vida, 1993.

ALVES, Giovanni. **A Precariedade do Trabalho no Capitalismo Global** (Aula 1). Curso de Extensão Universitária, UNESP (Marília), SP.

AMARANTE, Leonor. **Uma missão e muita controvérsia**. O Estado de São Paulo. 1/2/1987.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Território das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil**, Brasília: Editora & Consultoria, 2000.

BACK, Sylvio. **Missões, o índio e a liberdade**. Folha de São Paulo. 18/3/1988. p.10, c. cidades.

_____. **Mas afinal, que missões essas?** O Estado de São Paulo. 23/5/1986.

BOLT, Roberto. **A missão**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro. Best Seller.

BOTELHO, José Francisco. MÜLLER, Andreas. **Colônia de Sacramento é a única cidade portuguesa das Américas que não pertence ao Brasil**. Disponível em: www.aventurasnahistoria.com.br. Acesso em: 10, abr, 2013.

CAKOFF, Leon. **Palma de Ouro para “A Missão”**. O Estado de São Paulo. 20/5/1986.

CARR, Edward H. **Que é história?**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 130.

CARVALHO, Bernardo. **A Missão estréia hoje em São Paulo**. Folha de São Paulo. 2/3/1987. p.a-15, c Ilustrada.

EMIDIATO, Luiz Fernando. **Contra o mito da República Guarani**. O Estado de São Paulo. 1/9/1982.



_____. **Missão duvidosa.** O Estado de São Paulo. 1/3/1987.
Etnocentrismo. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/dicionarios/auette/houaiss/>
Acesso em: 28, abr, 2013.
FRAYZE, Denise Manzi; KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil.** 7 ed. São Paulo: Atual, 1996.
GAMBINI, Roberto. **O Espelho Índio; os Jesuítas e a destruição da alma indígena.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.
HAWEL, José. **As Pérolas das Reduções Jesuítas.** 4ª ed. Porto Alegre, Martins Livreiro, 198.
LUGON, Clovis. **A república comunista cristã dos guaranis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (documenta 14) 275p.
MENDES, LuisAntonio de Oliveira. **Memória a respeito dos escravos e tráfico de escravos entre Costad'África e o Brasil (1793).** In: Inácio, Inês da C. & Tânia R. de Luca. Documentos do Brasil Colonial. SP: Editora Ática, 1993.

NETO, Ricardo Bolanhme. **Ruínas relembram utopia das Missões.** Folha de São Paulo. 24/3/1988. pp. B-1 b-12 c.1.
NUNES, Ruy. **Os Jesuítas e a grandeza do Brasil.** O Estado de São Paulo. 17/4/1987.
Os Massacres da Fé. Veja. 4/3/1987.
Projetos para Missões Gaúchas. O Estado de São Paulo. 29/9/1987.
QUEVEDO, Julio. **As Missões, crise e redefinição.** São Paulo, Ática 1993.
RIBEIRO, Darci. **As Américas e a civilização.** Companhia das Letras: São Paulo, 2007.
SANCHEZ, Valdir. **O Mundo Guarani.** Jornal da Tarde. 27/2/1992.
SILVA, Benedito. **Dicionário de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: FVG, 1987.
SOUZA, Rainer. **Guerra das Malvinas.** Disponível em:
<http://guerras.brasilecola.com/seculo-xx/guerra-das-malvinas.htm>. Acesso em: 20, abr, 2013.

FILMOGRAFIA:

BACK, Silvio. **República Guarani** (Brasil - 1978)

Claúdio Pinto, professor
e autor de vários livros na área de
Cinema de Animação e Educação